

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA

CARMEN REGINA DEANTONI

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E CIÊNCIAS DA NATUREZA
NA MATERIALIZAÇÃO DA VIDA: MEMÓRIAS DA RODA DE MATE**

PORTO ALEGRE

2018

CARMEN REGINA DEANTONI

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E CIÊNCIAS DA NATUREZA
NA MATERIALIZAÇÃO DA VIDA: MEMÓRIAS DA RODA DE MATE**

Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de
Educação do Campo- Ciências da Natureza
da Faculdade de Educação do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial obrigatório para a
obtenção do título de Licenciatura.

Orientadora: Daniele Noal Gai
Co-orientador: Rodrigo Lages e Silva

PORTO ALEGRE
2018

CARMEN REGINA DEANTONI

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E CIÊNCIAS DA NATUREZA
NA MATERIALIZAÇÃO DA VIDA: MEMÓRIAS DA RODA DE MATE**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Educação do Campo-Ciências da Natureza da Faculdade de Educação do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura.

Data de Aprovação: Porto Alegre – RS, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Daniele Noal Gai
Orientadora – UFRGS

Prof. Dr. Rodrigo Lages e Silva
Co-orientador - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Tatiana Souza Camargo - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Magali Menezes - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a vida e a todos que fazem parte dela. Alguns têm minha gratidão e amor pela paciência e solidariedade a mim dedicados.

Agradeço pelo pão de casa da minha mãe e pela magia que vive nela.

Agradeço pelo berro da vaca lambendo a cria, que meu pai ensinou ser música aos meus ouvidos.

Agradeço as minhas tias e primas por saber valorizar pessoas, silêncio, arte e pizza.

Agradeço pela existência dos meus filhos, noras e os domingos de rodeio.

Agradeço pela fé que minhas avós deixaram de herança.

Agradeço aos amigos que conquistei e também aos que perdi no caminho.

Agradeço a quem me fez chorar, me fazendo um sobrevivente e um ser humano melhor.

Agradeço a natureza e a sabedoria de reconhecê-la como fundamental em minha vida.

Agradeço pela criatividade e interdisciplinaridade que vive dentro de mim.

Agradeço pelos erros e acertos, pelo riso e por saber emocionar-me pelas coisas do dia a dia.

Agradeço tua mão estendida na minha direção.

Agradeço pelos anos compartilhados e por todas as perguntas que fiz, todas as respostas incompreendidas e pela certeza de que o medo era menor que minha ânsia de seguir.

Agradeço aos meus irmãos e suas famílias, a minha amiga de todas as horas que esconde e protege nossos medos e segredos por baixo dos caracóis dos seus cabelos.

Agradeço aos alunos e comunidade escolar onde atuei em estágio e pesquisa.

Agradeço quem comigo leu, debateu, chorou e buscou a melhor escrita para esta história que desejei contar.

Agradeço aos professores da UFRGS – Educação do Campo, que deixaram marcas profundas em minha alma.

Agradeço por ainda sonhar e lutar por uma vida mais justa aos homens e mulheres dos campos e das cidades. Agradeço pela criança sentada no banco escolar e por todas as escolas de portas abertas.

Por fim, quem sabe início, agradeço a Deus que vive em mim e que encontro em cada um de vocês quando passamos o mate de mão em mão na ciranda da vida.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão é parte das aprendizagens no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No presente trabalho reflito sobre Educação do Campo e as Ciências da Natureza dialogando com os espaços escolares e não escolares do Município de Arambaré/RS. Busco através de temas geradores, redes de conceitos, planejamentos criativos e contextualizados com a comunidade local relatar as intervenções realizadas ao longo dos quatro anos de minha graduação. A partir de uma roda de mate realizada entre mim, Água, Terra, Semente, Tempo, Interdisciplinaridade, Fogo, identificando os principais eixos da Educação do Campo em um diálogo de muitas indagações sobre natureza, subjetividade e currículo escolar.

Palavras- chave: educação do campo, ciências da natureza, temas gerador, interdisciplinaridade, roda de Mate

ABSTRACT

This Conclusion Paper is part of the learning process in the Course of Licenciatura in Field Education - Natural Sciences, Faculty of Education, Federal University of Rio Grande do Sul. The present work proposes to discuss Education of the Field and Natural Sciences in dialoguing with the school and non - school spaces in Arambaré/RS. Present through generative themes, networks of concepts, creative and contextual planning with the local community, reporting made from a wheel of Mate carried out between me, Water, Earth, Seed, Time, Interdisciplinarity, Fire identifying the main axes of Education of the Field in a dialogue of many questions about nature, subjectivity and school curriculum.

Keywords: field education, nature science, generator themes, interdisciplinarity, Mate wheel

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - primeiro mate, Galpão Fazenda Santa Rita – Arambaré / RS
- Figura 2 - água da Laguna dos Patos – RS
- Figura 3 – cuia com desenho do brasão do Município
- Figura 4 – palco do Seminário Reculuta de vivências
- Figura 5 – Escola do Campo E.E.F. Lauro Silva Azambuja
- Figura 6 – sementes de girassol, símbolo da Educação do campo
- Figura 7 – atividades de Ciências elaboradas para Estágio II
- Figura 8 – Fazenda Santa Rita, Arambaré – RS
- Figura 9 – pés de aguador de lavoura de arroz
- Figura 10 – mural na Fazenda Santa Rita, Arambaré – RS
- Figura 11 – linha do tempo do plantio do arroz
- Figura 12 – sementes crioulas. Material para Estágio II
- Figura 13 – banner. Estágio II
- Figura 14- folder. Estágio não escolar
- Figura 15 – bomba da puxada da água da Laguna. Fazenda Santa Rita / RS
- Figura 16 – canal de irrigação da lavoura de arroz. Fazenda Santa Rita / RS
- Figura 17 – mala de garupa. Apresentação do Estágio III, UFRGS
- Figura 18 – banner de Seminário em Arambaré, RS. Estágio II
- Figura 19 – Caderno de Campo. Estágio III
- Figura 20 – amanhecer em Arambaré / RS
- Figura 21 – capas do Caderno de Campo. Estágio II
- Figura 22 – lareira da Fazenda Santa Rita / RS

SUMÁRIO

1 A MÃE NATUREZA EMBALAVA A NOITE.....	10
2 TEKOPORÃ – TERRA DO BEM VIVER.....	12
3 RAÍZES DE UM LUGAR.....	16
4 O RONCO DA CUIA DE MATE FAZIA-ME PENSAR.....	18
5 UMA ESCOLA PARA OS FILHOS DA PEONADA.....	19
6 UMA ESCOLA BROTANDO DO VENTRE DA TERRA.....	21
7 O TEMPO, QUE É VETERANO, BOLEOU A PERNA E ENTROU.....	24
8 NOS PESSUELOS: CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS, IDENTIDADE E VIVÊNCIAS.....	29
9 REGALOS DA NATUREZA: TERRITÓRIOS E SUA GENTE.....	35
10 LAGUNA DOS PATOS: TERRITÓRIO DAS CIÊNCIAS.....	37
11 VIVÊNCIAS DE UMA ALUNA PROFESSORA.....	44
12 O ÚLTIMO RONCO DA CUIA DE MATE.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
NOTAS FINAIS.....	52

1 A MÃE NATUREZA EMBALAVA A NOITE

Naquela noite, que mais parecia uma potranca de pelo tordilho negro, de um céu escuro, porém cravado de estrelas, acordei de sobressalto, os pensamentos vagando e parecendo saltar no peito. Talvez já não coubessem mais dentro de mim. Pediam cancha. Queriam ser ouvidos. Gritava dentro de mim a ânsia de uma boa prosa, destas que se tem consigo mesmo, mas que é de todos e com todos. Levantei com os passos de quem sabe que a madrugada será longa e o dia mais ainda. Eu remoía em mim ações que encantavam minha alma, questionava a importância do que fiz e como fiz. Eram as minhas reminiscências de campo que pediam porta, como pede o laçador na ponta do brete:

- Dá-lhe cancha porque eu tenho o que contar...

E foi assim que eu acordei no galpão que vive em mim. Nos campos desse Rio Grande, não importa se latifúndio ou uma pequena propriedade há sempre um galpão de portas abertas para os amigos, para guardar uma safra, sementes e maquinário.

É onde dorme o velho cachorro, as encilhas e o cavalo. Só quem é de campo traz em si um galpão de portas abertas. A hospitalidade da prosa e da roda de mate.

Assento-me com a cuia de mate na mão, esperando o chiar da chaleira que está presa num tripé (de amor, trabalho e esperança) num fogo de chão que vive em mim. Tem muito de céu e de terra neste momento que perguntas me rodeiam como a buscar não respostas, mas a ensinar-me a fazer novas perguntas. O mate vai ser comprido. Vai ser como se diz nas paragens de Arambaré, um mate gordo, espumado, um mate de saudades para uma vida inteira. Seiva de vida e lida. Nesta hora em que penso que irei matear solita, remoendo ânsias e analisando feitos dos anos de minha vida acadêmica, duas estrelas do céu se aproximam pra matear comigo. Vamos matear de mano. E o galpão que se fazia aconchego iluminava-se para clarear minhas ideias sobre ser educadora do campo, de que campo, para quem, com quem?

Quantos mates serão precisos para que eu entenda meu território, o lugar em que eu vivo, onde trabalho e interajo?

Quantos mates eu vou tomar até que o ronco da cuia me acorde para a essência de uma docência consciente, interdisciplinar e que entenda que os espaços de aprendizagem são reais e querem entrar nessa ciranda de vida, de desenvolvimento, das ciências tudo isso em um campo faminto de justiça e trabalho...

A água amornou na cambona, jarra de lata com alça encostada nas brasas, para que eu preparasse o primeiro mate. No ritual nativo de preparar um chimarrão pego a erva e faço o morro, para o lado de montar, coloco a água e por fim enfio a bomba, uma pomba de asas prateadas na vastidão do dia que vai aos pouquitos se acordar. Sorvo o primeiro mate, que o cevador tem a obrigação de tragar para esquentar a erva e deixar o mate a contento de todos. Horas doce, horas amargo.

Sirvo o primeiro mate e preparo o meu olhar para encontrar-me comigo mesma.

Figura 1 – primeiro mate, Galpão Fazenda Santa Rita – Arambaré / RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

2 TEKO PORÃ – TERRA DO BEM VIVER

Eu já estava na terceira cuia de mate quando sentam-se a matear a Semente, a Água e a Terra. Encontrava-me num cepo, trançando um tento, e passo a observar seus gestos e falas.

Procuo entender as lutas que travam seus anseios e histórias. Em um diálogo único, às vezes silencioso e cheio de intenções desconhecidas por mim, percebo uma Terra que nada sabe dela mesma, uma semente que não pode escolher a quem pertence e a água, fonte de vida, que vê sua vida se esvaindo pelas mãos de quem também nada sabe e tudo pensa saber.

Arambaré, que quer dizer "o sacerdote que espalha luz", já se chamou "Barra do Velhaco", "Paraguaçu" - contou a Semente - cheia de entusiasmo por essa terra que ela sabe ser fértil, pela água que nela corre e pelas plantas que aqui rebrotam.

*“Lago verde azul
Que na América do Sul
Deus botou pra bebedouro”
(Helmo de Freitas)*

Helmo de Freitas cantou-me em versos, assim como também de forma poética contou um pouco da história do lugar e de seu bem maior: “Laguna dos Patos” - disse a Terra, enquanto eu alcançava um mate à Água.

Figura 2 – água da Laguna dos Patos - RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

O mate, seiva verde que rega a alma dos mateadores, abria cancha à história que a Terra começava a contar... Brotando com sulcos marcados na dor e nas lutas de outros tempos.

Começava a se formar a Roda de Mate das minhas reminiscências.

- Nestas terras viveram índios com costumes especiais, comerciantes de peles e pescadores que tinham mãos e pés bem desenvolvidos.

Entre um mate e o chiar da chaleira uma prosa ia sendo criada. Mas foi a Água quem se fez contadora de histórias e talvez pela liberdade de correr pelos campos e vales, percebia o que o próprio território desconhecia.

- Eram os índios Arachãs ou Arachanes, que na língua tupi significa "patos". Eles foram os moradores mais antigos e descendiam dos índios Guaranis. Reza a lenda que por isto a laguna se chama dos Patos. Lagoa dos Arachanes.

Assim contou a água, trazendo na voz todo o lamento de um rio que vai se extinguindo... Que uma grande seca lá para os lados das Missões, no planalto rio-grandense, atingiu a terra dos índios Arachanes.

- Quando morre um rio, morre com ele também toda a vida que há nele, morre quem perto dele vive, morre o barulho da água corrente, a espuma branca que encosta-se às pedras... Morrem os peixes que brincam livres pelas ondas cantantes. Um rio quando morre, mata também as famílias que dele vivem. Um rio sem peixes parece estar de braços vazios, de mãos amarradas... É um morrer sem razão. A Terra que por ele vive também sofre lentamente em agonia. - soluçou a Água, sorvendo o mate e continuando a contar sua história:

- Os peixes morreram e os rios secaram. Caçar já não era uma tarefa fácil e os Arachanes preocupados com aquela situação começaram a se desesperar. Os guerreiros se reuniram juntamente com Amberê, conselheiro da tribo. Este lhes disse que um ritual tribal poderia ajudar e que Ceci, a mãe natureza, deveria ser chamada.

Em uma noite de lua cheia uma fogueira deveria ser acesa e ao redor dela, realizada uma dança, onde todos os homens, mulheres e crianças deveriam celebrar a vida, a água, a terra e o que dela nascia. A mãe natureza iria ouvi-los e indicar o que fazer.

Os Arachanes dançaram muitas horas e suas esperanças se renovavam no estalar do fogo até que uma voz surgiu alta e firme vinda das chamas do fogo aceso na terra:

- Virá um tempo difícil... A seca acontecerá nestes pagos, a terra irá rachar sob o sol escaldante e os rios irão secar. A vida será difícil e todos sofrerão. Hoje, ouvi nas vozes de vocês o compromisso de que a Natureza precisa. Irei em sonhos mostrar ao pajé um lugar onde existe um lago. Vocês devem ir até lá e por lá refazer suas vidas. Respeitem suas águas, a época da desova, os animais da mata e vivam em harmonia com a vida e com todos os seres vivos que lá vivem. Cuidem da terra e das águas sabendo que devem deixá-las puras e férteis para as futuras gerações. A mãe natureza cumpriu sua palavra! Mostrou o caminho do lago. E foi assim que esses índios Guaranis chegaram às margens da Laguna dos Patos.

Sorvendo o mate, a Água lembrou a ocupação do território e de como ele tornou-se o que é hoje...

“Os homens brancos também vieram se chegando a estas paragens e em meados de 1714 chegaram a estas terras”, sussurrou a Água como se as lembranças desta chegada sangrassem as veias da Terra que conosco mateava...

Em 1763 casais açorianos já estabelecidos na margem esquerda do Guaíba e na margem direita da Laguna dos Patos, fundaram fazendas e charqueadas até o Rio Camaquã. Desde essa época, os habitantes do então distrito de Arambaré, uniram-se na busca do desenvolvimento através da agricultura, da pecuária e, sobretudo pelo grande potencial turístico e pela beleza natural da localidade.

Foi nesta hora que a semente falou:

- Nesta época sumiram-se os índios, muito mais por doenças que os brancos trouxeram do que por lutas por território. Uma raça que não deixou sementes, um povo que não foi ouvido no seu lamento de vida.

Instalou-se um silêncio inquieto dentro de mim. Meus pensamentos tornavam-se tão fortes que ecoaram junto ao vento que lá fora sacode os galhos das árvores, cutucando os pássaros que ainda dormiam... Na conquista de um território, na posse da terra, quantas vidas desapareceram... Crenças, balaios e costumes se perderam na história escrita pelo homem branco. E no ronco da cuia de mate perguntei-me mais uma vez:

- Como contar a história de um território, de sua gente e suas lidas?

A Água continuava seu relato, com as ideias cristalinas e de calma... É assim que a Laguna é conhecida: águas calmas, hora doces, hora salgadas... Mas não se enganem, são profundas e se fazem de última morada para muitos.

Lideranças políticas do povoado junto com alguns moradores realizaram um plebiscito para a emancipação de Arambaré, que ficou com terras do município de Tapes e de Camaquã. E assim em 20 de março de 1992, Arambaré tornava-se município.

Foi assim que se desenhrou meu território, disse a Terra. Mediram-se os campos, criaram-se divisas, o que antes era terra de todos passou a ter dono e cultivo. Os índios já não mais viviam e de um pedaço de cada município formou-se este território. Aramados e porteiras demarcaram meus limites. Ainda hoje me pergunto: quem disse aos homens que poderiam me dividir em poteiros, hectares e lotes?

É uma cidade que oferta a calma de cidade do interior, sem casas noturnas, de show ou grandes restaurantes. Não há shopping e nem lancherias. O lazer é a praia de água doce, chimarrão na sombra das figueiras, jogo de taco, futebol de areia, boxas e família reunida. Apesar de ser uma terra bem gaúcha aqui não se encontram churrascarias porque é cultural que todos assem seus churrascos em suas casas. O comércio de vestuário e eletrodomésticos é pouco e os estabelecimentos pequenos.

“Aqui ainda se compra com caderneta ou em fichas”, diz a semente arrancando um sorriso de cada um de nós. Nos tempos de cartão de crédito o caderninho ainda vinga.

E por entender de caminhos, leitões e afluentes, a Água continuava a nos contar sobre esse território e suas histórias:

- Arambaré possui a Rádio Farol, uma rádio local, que serve de entretenimento, visto que não se pega outra rádio no interior de Arambaré. Sinal de celular nas estradas depende da sorte de cada um. Faltou luz, falta sinal de celular e internet.

No verão a temperatura máxima alcança os 40°C, mas sempre existe um ventinho pela beira da Laguna.

E foi a Terra, olhando o morro do mate que de forma calma, mas emocionada conta sobre as figueiras que nela nascem.

3 RAÍZES DE UM LUGAR

Ficus organensis é o nome científico da figueira, originária da Mata Atlântica e que integra a paisagem do município. Aqui se costuma dizer que casas e ruas pedem licença para as figueiras. É comum encontrá-las no meio de ruas, pátios e avenidas. Quando uma figueira nasce todo o ambiente se modifica para que ela vingue e cresça. E elas brotam em lugares incríveis...

Desde sua emancipação Arambaré tem por símbolo da sua administração as figueiras. Conta-se que uma índia Arachanes chamada Justa viveu em uma figueira até sua morte. Esta figueira ainda existe no centro da cidade há mais ou menos 500 anos. Hoje ela tem bancos, uma placa explicativa e a noite é iluminada com luzes verdes que a deixam mais linda ainda a inspirar o convívio com a natureza e a história deste lugar. Em 1998, durante os jogos da Paz, celebrado em vários países, a figueira ganhou esse nome: *Figueira da paz*, mas por quem aqui mora ela é a Figueira da Justa. Seus galhos são longos, grossos e por muito tempo quase atingiram o chão tornando-se rasteiros. Uma iniciativa da comunidade ergueu e deu sustento aos galhos com moirões de pedras como apoio. Uma lei estadual protege o corte das figueiras visto que estas abrigam algumas espécies nos seus galhos. Seus frutos servem como alimentos para diversas aves.

“Este é o brasão do município que está desenhado na cuia do mate. Nele todas as territorialidades estão marcadas, como uma marca aquecida no fogo e queimada no coração de quem aqui vive”, disse a Água a pensar sobre tudo que ainda poderia contar sobre este lugar.

- O brasão é cheio de significados: o Arroio Velhaco que encontra a Lagoa, seu povo representado pelos rostos de perfil - um negro e outro branco; a pecuária, a agricultura e o turismo.

Figura 3 – cuia com desenho do brasão do Município



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

4 O RONCO DA CUIA DE MATE FAZIA-ME PENSAR...

Se da terra nascem os homens e com ela mesclam suas histórias, criam seus filhos e enterram seus entes, há que se conhecer essa terra, esse lugar e com ele conviver, por e com ele buscar uma vida melhor, onde terra seja sinônimo de paz e não de disputa. Ah! Pudessem a terra escolher de quem ser e a quem se dar, seria ela dos que plantam e não colhem os frutos ou dos que colhem lucros sem nunca plantar?

Começar a respeitar a terra e quem nela vive torna-se questão obrigatória de quem pensa em desenvolvimento sustentável ou pelo menos em desenvolver atitudes sustentáveis em um mundo onde exploração, trabalho e educação são problemas urbanos e rurais. A educação formal perpassa por todos esses territórios muitas vezes sem nele atuar, pesquisar saberes ou com sua grade curricular relacionar. A escola torna-se desconectada do lugar onde está inserida e acredita ser correto assim ser.

O conhecimento e importância deste território e as territorialidades que, dentre outros, “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano”, são identificadas e localizadas, buscando assim não separar homem, terra, trabalho, ciências, cultura e aprendizado, mas entender o que os une. Quem sabe a escola...

Figura 4 – palco do Seminário Reculuta de vivências



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

5 UMA ESCOLA PARA OS FILHOS DA PEONADA

Ser professora do/no campo traz consigo a ânsia de vida de quem no campo mora, e que mesmo campesino sendo, muitas vezes não entende sua morada, seu trabalho ou seu lugar. Esta era minha fala quando escutei a semente a perguntar:

- O que anda fazendo no teu dia a dia? Onde trabalhas?

- Minha escola fica localizada a 17 km da sede do município e é cercada de uma grande extensão de terras onde o plantio do arroz é carro chefe, seguido da soja e do milho. Aqui não há pequenos agricultores, mas sim grandes latifundiários que locam seus hectares para o plantio ou contratam trabalhadores para o cultivo de suas terras. A pecuária também tem seu espaço com a criação de gado para corte e criação de cavalos crioulos. A maioria dos habitantes são trabalhadores assalariados nestas fazendas. Localiza-se como segundo distrito de Arambaré a Vila Santa Rita do Sul, onde funciona a Escola do Campo E.E.F. Lauro Silva Azambuja, onde sou lotada como professora das séries iniciais e Ciências da Natureza dos anos finais do fundamental e da EJA (Educação de Jovens e Adultos), falo ao receber a cuia.

É a minha vez de contar o pouco que sei e o muito que busco aprender.

Figura 5 – Escola do Campo E.E.F. Lauro Silva Azambuja



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016

- Como a Laguna dos Patos faz limite com o distrito há famílias que vivem da pesca e alguns alunos afastam-se da escola em períodos em que a pesca é

liberada. E digo isso olhando para a Água com o olhar firme de quem sabe que suas águas correm risco de vida, porque a morte pela poluição e a instalação de mineração na Bacia do Camaquã anda rondando esse lugar...

A construção do território revela relações de poder. Assim, para entender o território é necessário compreender as relações exercidas por pessoas ou grupos, durante muitas gerações que aqui passaram. E eu precisava conhecer para entender.

- A Laguna é um espaço de aprendizagem principalmente para a interdisciplinaridade da área das Ciências da Natureza, para a conscientização, de sustentabilidade, poluição, desenvolvimento rural e da saúde do homem do campo. Já te deste conta disso? - perguntou a Água.

- Que este território é cheio de diversidades?

- Sim, respondo e explico que o território tem diferentes enfoques, elaborados em uma classificação com três itens bem específicos e importantes: 1) o território é um espaço delimitado e controlado sobre o qual é exercido um determinado poder; 2) priorizam dimensões simbólicas e mais subjetivas, território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço. 3) é a economia que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho¹¹.

Milton Santos, geógrafo brasileiro, deu-nos uma profunda análise sobre o nosso território inserindo a produção dos espaços geográficos, suas relações e características. Entendia o caráter social do espaço e que isso deveria também ser o principal enfoque do geógrafo, e entendo hoje que isso também se aplica aos professores das Ciências da Natureza.

Pergunta-me então a Terra:

- Entendeste que assim como a Geografia, que as Ciências devem e podem se relacionar com o lugar onde os alunos estão inseridos? Que os espaços de aprendizados são infinitos se o professor conhecer o seu lugar, o lugar que aquela comunidade construiu sua história e desenvolvimento?

6 UMA ESCOLA BROTANDO DO VENTRE DA TERRA

- É desta forma que entendo onde vivo e em que reconheço a minha comunidade. O meu campo em meio a tantos campos que aí existem. É preciso entender e se reconhecer no território. E aqui, num latifúndio imenso, onde a cultura do plantio de arroz é o carro chefe e a água da Laguna é responsável direta pelo ouro nos arrozais. Caldart^{III} nos fala sobre esta escola que se localiza no campo, mas que muitas vezes não pertence ao campo, à medida que os sujeitos não fazem parte dela.

- O conceito de território é muito maior que seu espaço geográfico. Ele representa o povo que ali vive suas histórias e cultivos. É a ação humana que caracteriza este território. E as leis e suas normativas precisam enxergar essas relações. Todas as pessoas possuem e podem construir seus conhecimentos. É sim dar significado ao seu lugar.

- E a escola leva em conta os saberes que todos da comunidade possuem, e registra-o e valoriza-o em sala de aula num diálogo permanente com os saberes produzidos? Fala a Semente.

- Tais conhecimentos precisam garantir elementos que contribuam para uma melhor qualidade de vida.

A cada gole de mate sorvido uma certeza era sentida:

- O projeto educativo que se realiza na escola precisa ser do campo e no campo, e não somente para o campo.

- Os que vivem no campo podem e têm condições de pensar uma educação que traga como referência as suas especificidades para incluí-los na sociedade como sujeitos de transformação.

Neste sentido, a pesquisa enquanto princípio metodológico não se coloca apenas como ferramenta de construção do conhecimento, mas como uma postura diante da realidade. Eu, como educadora na área das ciências preciso assumir essa postura com senso crítico, curiosidade e “questionamento reconstrutivo”^{IV} e, ao mesmo tempo, cultivar essa ferramenta como metodologia de ensino e aprendizagem.

Nesta madrugada lubuna, querendo ficar acinzentada como o pelo do potro que na cocheira relincha esperando por mim, percebo o processo de tomada de consciência que estou vivenciando. Como dizia Paulo Freire, “é mais que consciência. É assumir a responsabilidade”. A coerência da docência com a prática educativa.

A Terra então, me diz com voz firme:

- Os elementos que transversalizam os currículos nas escolas do campo são o trabalho, o meio ambiente e sua relação com o cosmo, a democracia, a resistência e a renovação das lutas e dos espaços físicos, assim como as questões sociais, políticas, culturais, econômicas, científicas e tecnológicas. É assim que trabalhamos a justiça e a busca da valorização do trabalho e dos saberes campesino. E esse currículo escolar de nada servirá se na sua essência não valorizar o trabalho dos gêneros do campo, homens e mulheres que suam diariamente em cada época de plantio, a cada seca, a cada enchente, a cada geada que na madrugada cai.

Roncou a cuia de mate mais uma vez...

E se mistura a minha intervenção na comunidade, nos espaços fora da sala de aula com o desenvolvimento rural da comunidade.

- Cabe perguntarmo-nos, disse a semente, o que é esse desenvolvimento rural e a quem serve? Num campo de lutas, seja por posse da terra, seja pelo veneno jogado nela, pelas sementes geneticamente transformadas, pela água que se contamina, pelos rios que são secados em nome do lucro e de maior área de plantio... Cabe à escola, aos professores, alunos e comunidade atentarem-se para estas questões. Eu vivo diariamente o medo das sementes não germinarem, muitas vezes, pelo uso abusivo do agrotóxico. Eu broto, vinco, sou colhida, viro alimento e neste processo mato aos poucos a terra, que é minha parceira de vida, e o homem que se alimenta desses grãos.

Figura 6 – sementes de girassol, símbolo da Educação do campo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

Continuou a semente:

- Quando ensinas sobre sementes o que falas aos teus alunos? Falas sobre o milagre da germinação? Diz a eles, teus alunos, sobre as sementes crioulas? Explicas sobre os Bancos de Sementes e seus Guardiões? Realizas um paralelo sobre o plantio da semente geneticamente modificada com as sementes orgânicas? Falas do agronegócio e da agricultura familiar? Divides com eles a ideia de uma terra fértil, sem agrotóxico para receber uma semente também pura e com sua história de lutas e cultivo? Teus alunos, teus pais, tua comunidade escolar entendem semente, água e terra no mesmo patamar de igualdade? E nisso tudo, também percebem as mãos e pés dos trabalhadores rurais, dos campos, das vilas e ribeirinhos? Nesta relação de vida e lida, tua escola enxerga as escolhas de um currículo pedagógico que identifique todas essas questões e trabalhe isso em sala de aula?

Silencia-se a roda de mate.

Silencia-se a minha alma.

7 O TEMPO, QUE É VETERANO, BOLEOU A PERNA E ENTROU

Achega-se para o mate, quando o sol ainda dormia, o Tempo. Havia escutado nossa prosa e se indagava sobre esse jeito bonito e acadêmico de enxergar meu lugar, meu trabalho...

O tempo percebia em mim a mescla do meu saber popular com o que eu havia aprendido na academia. Percebia o que eu mesma não identificava na minha voz. Os conhecimentos se mesclavam, meu olhar já não via somente o óbvio e a professora pesquisadora que havia brotado em mim buscava mais que conhecimento e poesia. O tempo sabia que nada mais seria igual ao que já foi um dia. Pelo menos não para mim, que agora conseguia ouvir a voz desta terra, desta semente e dessa água gritando revoltas, resgatando sonhos e ensinando-me que nunca estamos sós, mas precisamos aprender a escutar. Que era preciso muito mais que olhar: era necessário refletir sobre o que se vê.

E chegou o Tempo, como um pealador de mate, aquele que fura a roda, que pede um mate com ares de quem é dono.

Olhando-me, ouvindo o estalar primitivo do velho fogo de chão, pergunta num supetão de me tirar o folego:

- Como seria um local pedagógico que fosse criado por ti, identificando ânsias e realidades; pensado com as diferenças e igualdades, com o jeito de ser do campo? Um lugar para serem únicos, que acolhesse na individualidade, e também, no potencial de serem muitos? Como seria o tempo educativo e o currículo escolar se partíssemos das primícias de que é possível fazer do campo outro campo, ter tempo para inventar o próprio jeito, dar à escola a oportunidade de inventar novos temas e redes? Como pensar um tempo da diferença para além da rotina do relógio, dar tempo para os conteúdos e para vivência do aprendizado? Podemos imaginar outros lugares-campos, escola-tempo, currículos-vivências que não sejam esses onde não nos reconhecemos mais? É possível fazer as escolas e o campo de outro jeito? Como seriam?

O Tempo entrava na conversa trazendo indagações que transcendiam aquele diálogo. Trazia com ele a interdisciplinaridade, consciência e intervenção. A esta altura da madrugada a roda de mate crescia e por consequência as ideias

germinavam cada uma ao seu tempo, e a mim, o cevador, aquele que preparou o mate e servia, cabia reconhecer e organizar tudo isso dentro de mim. O mate revelava segredos na ciranda que se formava.

Às vezes eu me perguntava assustada: era um diálogo silencioso do meu eu comigo mesmo, do meu olhar sobre esta prática, estas vivências e saberes? Uma educadora em construção? Seria a ciranda real, estavam ali, estes elementos de vida a dialogar comigo?

Eu mudo o rumo da prosa, sabendo que daqui a pouco eu precisaria voltar a estas questões e encontrar respostas. Sigo contando que em uma das muitas prosas nos espaços não escolares na comunidade de Santa Rita do Sul, Arambaré – RS surgiram alguns questionamentos: o que o homem, de fato, deseja da vida e de suas relações; de onde veio e para onde vai e principalmente, se o coração e a mente, o conhecimento científico e os saberes populares, a razão e o afeto sabem de fato conviver juntos. Era difícil responder a todas essas questões naquele dia... Eu sabia que o desenvolvimento de uma relação ética e sustentável entre os coletivos e o território é uma conquista diária, tem base no trabalho, na rotina da vida, nas relações de poder que os permeiam e não acontecem necessariamente juntos.

Eu avançava no meu entendimento. E a cada avanço, meu olhar se movia buscando novos horizontes. Eu continuava a contar minhas vivências onde Terra, Água e Semente contribuíam para que eu pudesse de fato entender meu território e o que ele representa na busca de uma Educação do Campo que não fosse construída para os sujeitos do campo mas sim com eles.

E que os espaços de aprendizagem se mesclam no planejamento de um novo jeito de ensinar. A educação acontece em rede. E ela somente se amplia se professor e escola assim oportunizarem. Era preciso sair a campo e ouvir os saberes e costumes.

- Durante o teu estágio, observou a Terra, eu senti que à integração entre comunidade, pais, alunos e novos espaços de aprendizagem mesclam-se a evolução do teu aprendizado, de ti como educadora e vivente deste lugar. Da tua produção como indivíduo. Entremeiam-se sentimentos como fé, medo, poder, avanço e mudanças, gerados pela mente e seus segredos mais intocáveis.

Conto a eles então sobre Guattari^v, que escreve sobre essa maneira de viver num mundo que se deteriora aos poucos apesar/e com o desenvolvimento tecnológico e crescimento demográfico.

Eu sabia o quanto era penoso para cada indivíduo lidar e resolver os conflitos gerados por tais emoções simultaneamente com as vivências do trabalho, da escola, do poder público, em relação aos sonhos “sonhados juntos” e as dificuldades para realizá-los. E então neste momento a Terra nos fala da importância dos movimentos sociais do campo. Como eles surgem, para quem e por quem. Movimentos que unem trabalhadores camponeses na luta por reforma agrária, por substituição dos indivíduos do campo pela máquina no latifúndio. O MST é o principal movimento do campesinato. E nos lembra a Terra que Arambaré é dividida no seu território por realidades bem definidas: de um lado o latifúndio, com suas terras produtivas e uso desenfreado de agrotóxicos e adubos com a agricultura familiar orgânica dos assentamentos do município que são três na sua totalidade.

Desta forma, mescla-se, portanto, a vida - com suas alegrias, sonhos e desejos a preconceitos, trabalho, moral e tradições. Torna-se necessário debater a forma de se viver (meio ambiente, relações sociais e a subjetividade humana) e é isso que fazemos hoje, nesta madrugada, falou a Semente. A psicologia social tem se voltado também para conhecer e entender a vida camponesa e seu campesinato. Os movimentos sociais do campo e suas místicas. Características desse povo e a subjetividade deste segmento na caminhada com a educação do campo. Esses movimentos como espaços de educação e identidade. E não temos como não falar do tempo, este como ritmo de aprendizagem de cada ser humano. Não se trata de tempo cronológico mas de aprendizado. Aprender também tem seu tempo. Um tempo em movimento de construção e autoconstrução, pessoal e coletivo. Tempo de sementes brotarem e ver uma semente brotar, com todos os significados que a cercam é sempre motivo de esperança.

- Sem esperança e identidade não se vive! -, bradou a Água.

“Na selva social da existência humana, não existe sentimento vivencial sem um sentimento de identidade”^{vi}. A realização de atividades e de observações em espaços escolares e não escolares proporcionou a descoberta da importância da identidade a ser preservada, respeitada e por que não dizer, admirada. Constatou-se

que os sonhos das crianças contrapõem-se à realidade dos adultos que ao seu lado vivem - explico a todos.

- Os pais que não sabem ler travam uma luta diária para estimular os filhos a seguirem em seus estudos, paradoxalmente desvalorizando sua própria história. No entanto, assim agem em razão do desejo e da crença de fazê-los "alguém na vida". O homem como ser psíquico envolvido e envolvente e não só como objeto do meio, como diz Guatarri. Eu falava de modo franco e empolgado. Sentia que os parceiros da roda de mate não perdiam nenhum ítem da nossa prosa. Era como se bebêssemos as palavras de cada um de nós, mergulhando na busca de um entendimento comum. Minha alma voltava a sorrir apesar de tantos questionamentos.

Minhas certezas chegavam para fazer morada. Não havia mais em mim taperas, a seiva do mate trazia vida e sabedoria.

E do ronco do mate que o Tempo sorvia se ouviu:

- Nada acontece "solito". Nasceram estágios, temas e rebrotava uma professora, proporcionando ao planejamento criatividade, um novo olhar, pesquisa, conhecimentos e cidadania.

Figura 7 – atividades de Ciências elaboradas para Estágio II





Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

- Durante a observação do espaço não escolar, na interação com determinados indivíduos, constatei que estes falavam constantemente em *inteligência*, suscitando assim, duas questões: o que é ser inteligente? Como se adquire ou se constrói o conhecimento, para os indivíduos que compõem esse campo? Qual a intervenção destes neste campo onde vivem, mas desconhecido?

O Tempo, como sempre, levantava questões que faziam a ciranda se calar.

Todos nós sabemos que matear ao pé do fogo é um exercício de autoconhecimento, de planejamento, de recuerdos e parceria. Nas rodas de mate, se os senhores do poder, dinheiro e de guerra mateassem, talvez, antes da erva ficar lavada, o campo caminharia para a paz, cantou Joao Chagas Leite em sua música Seiva de Vida e Paz.

Paz ao homem do campo, para quem nele vive, para quem nele planta... Paz para a água que pelas veias da terra correm, matando a sede e rolando as pedras que contam histórias e desviam caminhos... Paz para a semente, que se gera na terra, mas que brota pelas mãos do homem que nela vive...

8 NOS PESSUELOS: CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS, IDENTIDADE E VIVÊNCIA

- Constatei que para quem vive no campo ser inteligente é frequentar “banco de escola”, ler muito e gostar disso, saber fazer contas e escrever certo. Ter um curso superior, no conceito destas pessoas, faz do indivíduo alguém muito inteligente, disse o Tempo.

- No entanto, o que faz um indivíduo inteligente não seria a forma como lida com seus medos, com seus sonhos, com o meio em que vive e como se relaciona?

Se Vygotsky e Piaget estivessem nesta ciranda de mate diriam-me talvez: não há inteligência sem interação com o meio, sem construção do conhecimento, sem adaptação, sem a organização dos processos na realização de determinadas tarefas. A inteligência não acontece pelo acúmulo de informações.

Figura 8 – Fazenda Santa Rita, Arambaré - RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

E assim, de modo informal, a Terra dizia-me que há entre este povo a crença de que quanto mais conhecimento se tem, mais inteligente se é. Dizia ainda que ser inteligente para muitos, é não fazer escolhas erradas. Discutiu-se também o fato de que um indivíduo reconhecido como inteligente para realizar atividades tais como gerenciar trabalhos, realizar tarefas, cumprir suas obrigações profissionais muitas vezes não possui também e necessariamente, inteligência emocional.

O meio influencia no desenvolvimento da inteligência, na criação e educação do indivíduo. No entanto, acima de tudo é preciso ter vontade, tanto para buscar conhecimento como para ser inteligente. E é neste contexto que a certeza de uma nova educação do campo se faz necessária, pois a identidade deste campesino-aluno precisa ser respeitada e valorizada na sua essência, levando-se em consideração os seus conhecimentos.

Neste ponto a roda de mate se cala. O silêncio se fazia necessário para a interiorização de tudo que se dizia, sentia e percebia. Eram tantas questões, tantas idas e vindas... Poderiam parecer desconexas estas ideias, mas nós sabíamos que tudo estava interligado.

O passar da cuia ligava e representava as falas e saberes, as dúvidas e medos, os espaços e os tempos vivenciados neste período de entrega à educação, não como alguém que tudo sabe mas como educador que reconhece os conhecimentos como ciranda e confia neste movimento circular. Era o "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" de Paulo Freire no seu livro *Pedagogia da Autonomia*^{vii}.

E me lembrei de um trabalhador de lavoura de arroz, ele assume o cargo de aguador. É dele a responsabilidade de cuidar as águas para o preparar da terra, para germinação e colheita. Quando indagado sobre como sabia a quantidade que deveria desviar para cada hectare plantado me respondeu com calma e sabedoria:

- Eu ando pela lavoura, com os pés descalços. Assim sinto o quanto preciso colocar de água. Foi assustador descobrir que quatro mil hectares de terras plantadas de arroz estavam sob a análise dos pés de um trabalhador rural que nunca frequentou os bancos escolares. Era analfabeto, porém de total confiança para todos que ali trabalhavam.

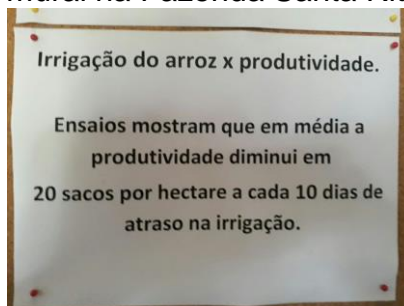
Figura 9 – pés de aguador de lavoura de arroz



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

Talvez na roda de mate ocorra o que Larrosa nos diz sobre parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar. Pensar mais devagar, olhar e escutar mais devagar. O mate traz esse ensinamento ao homem rural, esse passar do tempo devagar, em contato com a natureza. É o saber da experiência, particular, subjetivo e pessoal. Dar sentido ao que nos acontece e ao que somos.

Figura 10 – mural na Fazenda Santa Rita, Arambaré - RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016

Inteligência desenvolve-se, estimula-se e busca-se - disse o Tempo. Da mesma forma, ocorre com a formação da identidade do indivíduo, a qual se constrói dia a dia e reconstrói-se nas relações, completou a Água. O conhecimento e a concepção desta identidade têm origem nas práticas sociais, políticas e pedagógicas, resumiu a Terra.

E eu? Como me sentia no meio destas questões todas?

Compreender as teorias e práticas sobre planejamento, inteligência, conhecimento e emoções permitia-me entender o ser humano e seu

desenvolvimento, suas ações e sua trajetória de vida e, portanto, preciso entender que todo o conhecimento é inseparável dos sujeitos e das relações de poder, conforme escrito por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

Da mesma forma, afirma Maria Montessori^{VIII} quando diz que o equilíbrio nestas áreas, o estímulo, uma educação integrada e cósmica na qual ritmo próprio, trabalho e rotina sejam importantes no desenvolvimento de cada ser, que é único em seu potencial e em sua identidade. É desta forma que se constroem nossas relações de afeto, saber e poder. Poder de ser, querer, fazer, buscar e de tornarmo-nos conscientes e também de agir com consciência frente a um mundo de infinitas questões.

- Mas tu sabes que o homem do campo desconhece tais teorias, bem como Piaget, Vygotsky ou Freud, indagou-me a Terra. No entanto, este mesmo homem rural que possui mãos calejadas, detém tanto ou mais identidade e inteligência que o homem dito “urbano”, que possui acesso a livros, internet, dados e pesquisas. Ser inteligente é saber lidar com o que nos acontece, buscando alternativas sempre melhores. O conhecimento facilita, coloca o mundo em movimento, relaciona tudo e todos, mas somente uma identidade valorizada é capaz de fazer com que o indivíduo se encontre em si mesmo e no outro. Encontrar-se no outro significa enxergar como este indivíduo se relaciona em grupo e que influência este tem sobre suas ações. Em uma comunidade onde poucos são donos da terra e muitos trabalham nela, não se pode pensar as ciências, o desenvolvimento e a educação de forma isolada. A escola muitas vezes reproduz as relações de poder, de injustiça e de silêncio social. Num gesto silencioso, a Terra passou-me a cuia de mate e eu já sentia que a madrugada se ia e meus pensamentos a galope buscavam respostas dentro de mim.

É necessário observar o quanto o grupo influencia a cada um de seus indivíduos, e de que forma isto ocorre. É preciso perceber o que a liderança de alguns pode causar se estes agirem com arbitrariedade, como encaramos tal autoridade e o que é que nos faz acreditar que existem os que mandam e os que obedecem. Especialmente, perceber o que nos faz acreditar que existam os que merecem e os que não merecem? Quem nasce pra ser peão nunca será patrão?

Desta forma, nascem certos questionamentos: como discordar de normas e regras impostas, continuando fiéis a nossos objetivos, valores e ética? Como ensinar

à escola que ela planeja errado suas intervenções sempre que reproduz as regras de uma sociedade rural arcaica e preconceituosa?

Tais indagações nos movem em direção ao autoconhecimento, inclusive de o quanto eu como professora também faço isso diariamente. Nestas horas é que se entende o quanto um mate pode acalmar a alma.

Tais perguntas são questões humanas que procuram desvendar os mistérios da vida, do ser, do agir e do buscar. Somos seres humanos em uma eterna busca, dentro e fora de nós mesmos. Tal busca parece ser inerente a todo ser humano, visto que muitas vezes, não sabemos exatamente o que buscamos ou por que buscamos.

E é o senso comum que muitas vezes nos auxilia em tal busca. Possuir uma visão simplista de como ser feliz, de como saber as coisas, de como lidar no dia a dia com a vida e seus acontecimentos. Quem dera fosse realmente tão simples assim e que estes saberes comuns pudessem responder a tudo e a todos.

A diversidade, o território, a identidade e o conhecimento são os objetos da pesquisa realizada.

Novos espaços escolares e não escolares trazem uma nova experiência educacional, abrindo caminhos para uma educação do/no campo, conclui o Tempo.

Figura 11 – linha do tempo do plantio do arroz



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016

“A política atual inferioriza o campo, vê o povo campestre atrasado, não modernizado e dependente do urbano”, diz a semente. A integração proposta pela

maioria das escolas é falsa a partir do momento que não valoriza os saberes e fazeres dos indivíduos do campo, explicam-me a Terra, a Água e a Semente.

Lembras - questionou-me a Terra - quando leste o artigo de Fernando José Martins, Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar?

O Tempo e eu contamos aos demais sobre o que escreve Miguel Arroyo acerca da desigualdade camponesa, sobre a falta de direitos e a injustiças do latifúndio e das leis agrárias. Não há sintonia entre homem, território e trabalho para os homens das leis, dos livros e administrações públicas.

É neste momento que a educadora que vive em mim grita alto, forte e com esperança:

- Estaria a escola disposta a ser o ponteiro nesta tropeada da vida? Seria a escola capaz de rever seus conceitos e saberes para que este campo, e o povo que nele vive, fosse valorizado nos seus saberes proporcionando a eles uma rede de conhecimentos que ampliasse suas ações e o desenvolvimento rural da sua comunidade?

Figura 12 – sementes crioulas. Material para Estágio II



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

9 REGALOS DA NATUREZA – TERRITÓRIOS E SUA GENTE

Neste momento, como no campo as portas de um galpão estão sempre abertas, entrava para a roda de mate, puxando um cepo, sentando-se e se colocando bem no meio, onde pudesse dialogar com todos, a Interdisciplinaridade. Chegou a convite do Tempo, mas a Semente, a Terra e a Água receberam-na com a naturalidade de quem sabe que a vida não se dá separada, nem território, ecologia, fenômenos ou conhecimentos acontecem em poteiros ou mangueiras. Era natural que os temas aqui conversados passassem tranquilamente por cada fala. Era o momento de aprender que tudo está interligado e que a escola fazia na maioria das vezes, o desserviço de separar.

Os estágios realizados nas séries finais do ensino fundamental na área das ciências propõem-se também a estudar tal afirmação. Reculutar¹ as territorialidades e novos espaços de aprendizagem é também falar da vida deste povo, dos indivíduos que o compõem, de seus saberes, cultura, organização familiar e de seus conhecimentos comuns e tradicionais. É descobrir a relação que estes têm com a disciplina de ciências da natureza, como dialogam sobre isso, quais as descobertas que fazem e como é a aceitação destes dois conhecimentos que se completam unindo vida, lida e aprendizado acadêmico. No artigo *Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar*, Fernando José Martins^{IX} entende que pode-se caracterizar educação do campo como um *movimento*, constituído pelos sujeitos sociais que integram as realidades camponesas, e que, almeja vincular o processo de vida no campo com os pressupostos educacionais, aliando assim escola e vida, os pressupostos da cotidianidade rural e os processos educativos formais. A diferenciação dessa proposta reside na sua construção, que é idealizada, operacionalizada pelos sujeitos do campo. A proposta da Educação do Campo, não é meramente pedagógica, ao buscar relacionar escola e vida, também se almeja a veiculação de uma *determinada* concepção de campo, na qual esse seja um *lugar de vida*.

¹ Encontrar, buscar, recuperar.

Nascia daí a descoberta da importância de um tema gerador que caminha livremente entre esse conhecimento e os saberes de uma comunidade. Os espaços escolares e não escolares dialogam sobre o mesmo tema unificando a aprendizagem e abrindo uma rede de fazeres e saberes. Procura-se uma nova concepção de planejamento e atividades para a educação do campo.

Desta forma, proposta educacional e realidade social passam a ser entendidas como fatores importantes no desenvolvimento local. Sommerman^x afirma que “temos de ir até a raiz das coisas se quisermos realmente transformá-las”. É a interdisciplinaridade como base neste jeito novo de olhar e discutir saberes, espaços e relações.

O estágio nos dois espaços - escolar e não escolar, nos quais foi desenvolvido o mesmo tema suscita questionamentos diversos a uma nova direção de educação do campo, especificamente neste campo de latifúndio, pesca comércio e relações de poder e trabalho.

E falo então, segurando a cuia nas mãos que é desta forma que venho me construindo, como pesquisadora, como pessoa, como ser social e afetuosa em sua comunidade, que tem como responsabilidade fazer diferente, enxergar possibilidades. Trago a ânsia de valorizar o conhecimento existente em cada indivíduo da comunidade, em suas histórias de vida e trabalho e também de contribuir com o conhecimento adquirido na graduação de ciências da natureza – educação do campo.

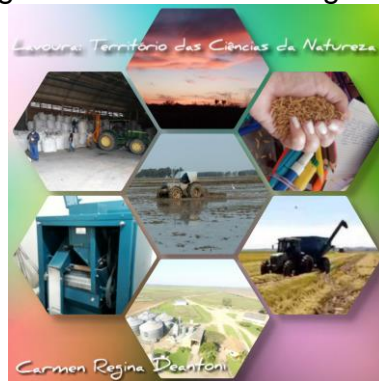
10 LAGUNA DOS PATOS: TERRITÓRIO DAS CIÊNCIAS

“Uma lagoa que muda de cor” – disse a Água - que belo nome dado ao trabalho. Através dele entendi a realidade diária dessa comunidade a qual possui suas explicações para cores, sabores e ventos. É a ciência da natureza que se identifica em cada fala, cada vivência, em cada época em que a lagoa salga, seca ou provoca enchentes. A Lagoa dos Patos é o meio de sustento e sobrevivência de uma parcela desta comunidade, abastece de água cada moradia, e torna-se atração turística e de pesca nos meses apropriados. Junto a ela, pela manhã, pode-se assistir o nascer do sol, um dos espetáculos mais lindos da natureza, que pinta o céu de vinho, amarelo e azul, num matiz de cores indescritíveis. E é na escuridão da noite, que a lua pinta de prata as águas dessa lagoa. Um fenômeno químico e físico, um território vivo, um ecossistema rico e um ambiente a ser preservado. As turmas realizaram saídas de campo que valorizavam a rede de aprendizagem planejada. O Posto de Saúde abriu suas portas com uma palestra sobre as doenças da água e os cuidados que devemos ter. A visita à fazenda, ao identificar as relações ecológicas, habitat e as diferentes espécies que viviam em torno do lago consolidava a importância para e o reconhecimento dos espaços de aprendizagem em torno da escola.

Havia ternura nas palavras da água, admiração no olhar da Terra e dentro de mim o encantamento pela experiência vivida.

E com voz mansa relembra a semente o segundo estágio com o tema: *Tem muito de céu no cultivar da terra.*

Figura 13 – banner. Estágio II

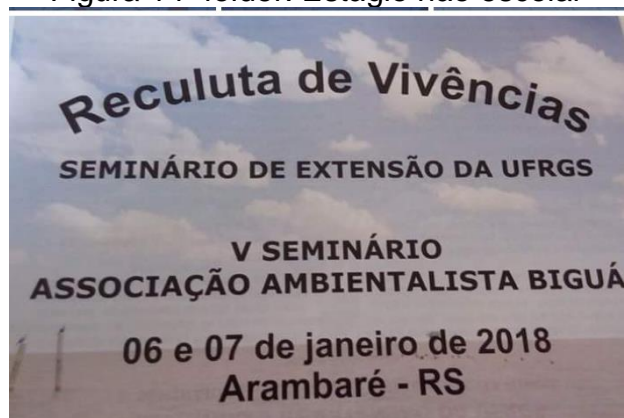


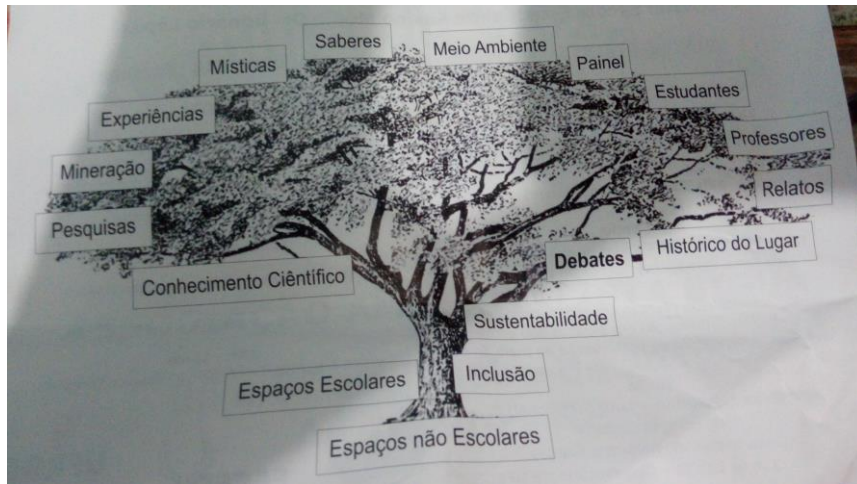
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

Foi um resgate ao trabalho rural, às sementes jogadas na terra, e à água que alimenta este solo. As Leis de Newton, citologia das plantas e ácidos e bases foram os conteúdos desenvolvidos durante o projeto. A lavoura como território de Ciências mais uma vez provava que educação não acontecia de forma isolada. E as professoras Andreia Dalcin e Tatiana Camargo em seu artigo para Revista Pátio, número 35, relatavam essa experiência na busca de uma nova educação aos jovens do campo.

- Quem não se encantou com os diálogos trocados pelos espaços de aprendizagem sobre este mesmo tema? - falou a semente - quem não se emocionou e se contagiou pela intervenção escolar e não escolar no Seminário de Extensão da UFRGS *Reculuta de Vivências*?

Figura 14- folder. Estágio não escolar





Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

A educação acontecia naturalmente respeitando seu lugar, suas vivências e conhecimentos. O seminário atreveu-se a colocar na mesma sala doutores em educação, estudantes, pessoas leigas e pessoas envolvidas com questões sociais específicas do lugar.

Na ocasião, falou-se da saúde do homem rural, dos índios, do meio ambiente e da mineração do Rio Camaquã.

- O projeto propôs-se a ir além dos conhecimentos comuns, analisando e descobrindo simultaneamente as relações entre comunidade, escola e território? - perguntou-me a Terra.

Então contei a todos que havia uma grande diferença entre planejar e o pensar sobre o trabalho realizado. Construir com os alunos, com o grupo de mulheres e pescadores, com a Associação Ambientalista Biguá uma rede de conhecimentos que apontem para atitudes de respeito à vida e ao meio que vivem, descobrindo potencialidades e desenvolvendo uma reflexão crítica que se apoiem no conhecimento científico das ciências da natureza para a valorização dos territórios e suas territorialidades.

Na mescla dos conhecimentos, das falas, dos saberes e fazeres cria-se um ambiente propício ao aprendizado, o qual, como definiu Maria Montessori, tem seu ritmo próprio para acontecer. O movimento dos saberes – e aqui definido “movimento” como as ações de cada indivíduo envolvido no processo, seus pensamentos, questionamentos resultam em um envolvimento que gera mais conhecimento.

Encontrava-se nesta proposta de trabalho despertar nos envolvidos o desejo de provocar, de desacomodar, ter interesse, provocar a pesquisa e ao mesmo tempo proporcionar e dividir conhecimentos. Trouxe também consigo o poder de valorizar o saber de cada um e de encontrar quem comungava dos mesmos anseios e objetivos.

- Lembram-se, indagou a Água, quando o pescador começou a falar? Os nomes dos ventos, o motivo pelo qual a lagoa salga, como isso acontece e é reconhecido com antecedência, como se explica a proliferação das algas na linguagem dos pescadores, como a lua influencia na pesca, os ventos que acalmam os peixes e os juncos que ajudam na limpeza e alimentação dos mesmos? E as sementes, e o trabalho da agricultura familiar? E quando os alunos descobriram que as frutas e verduras da merenda escolar eram cultivadas em um dos assentamentos de Arambaré? E quando a representante da EMATER foi à sala de aula falar do turismo sustentável e do trabalho das mulheres rurais? E de toda a assistência que recebiam pelo extencionista? E quando o trabalhador rural, explicando tudo sobre o manejo do gado, como criava-se porcos e amansava-se os cavalos, o apoio das vacas e lida da fazenda também contou que fazia Gestão Ambiental a noite em outra cidade mostrando assim outras possibilidades de uma vida jovem no campo?

Era o movimento da descoberta pelos alunos: escola e espaços não escolares juntos descobrindo-se espaços de aprendizagem.

Lembra a Água num diálogo silencioso consigo mesmo, não importando se interrompia meu relato, das Bombas que puxam as águas da Laguna dos Patos, que são mil litros por minuto para irrigar as lavouras de arroz da mesma propriedade. A água corre pelos campos e retorna a Sanga que refaz seu caminho de volta a laguna. Neste momento é importante pensar o que carrega essas águas na sua volta, que história leva a laguna de cada pedaço de terra agitado e do que nele foi usado para o cultivo da semente. E me indaga se coloquei isso no meu planejamento.

Figura 15 – bomba da puxada da água da Laguna. Fazenda Santa Rita / RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

Figura 16 – canal de irrigação da lavoura de arroz. Fazenda Santa Rita / RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

Conforme o trabalho foi sendo desenvolvido, constato que em um currículo escolar e planejamento é preciso estar preparada para modificações à medida que tudo acontece, pois demonstram possuir vida própria, e que ao misturarem-se aos desejos e curiosidades de todos amplia as redes de conhecimento. Assim é uma professora pesquisadora. No caminhar se faz o caminho.

Embora o planejamento de cada aula tenha sido realizado, as ações desenvolvidas foram sendo adaptadas conforme os acontecimentos vivenciais nela ocorridos, visto que o planejamento das aulas não poderia ser elaborado sem levar em consideração o que nela acontece.

Figura 17 – mala de garupa. Apresentação do Estágio III, UFRGS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

Tais acontecimentos proporcionaram o repensar da docência da pesquisadora, que também relaciona o saber adquirido às ciências da natureza, o que permitiu a esta aproveitar o balanço das águas, o barulho do vento e remar a favor desta ciência que abre caminhos, fazendo-a navegar em ondas nem sempre conhecidas, mas que possibilitam a reflexão acerca do planejamento. Faz-se necessário descobrir os aspectos que o limitam, orientam ou sufocam. Contou a Água que Bertold Brecht em uma citação célebre, diz que “do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”. Faço uma analogia da frase de Brecht em que se considere o planejamento como o rio, poder-se-ia dizer que ele tudo pode fazer, arrastar e indicar. No entanto, são as margens – no caso, a educadora, que o comprimem. Da mesma forma, dá-se o planejamento: se engessado, sem avaliação ou a alegria do aprender pode sufocar a si mesmo. E escuto então pela primeira vez nesta madrugada a revolta das Águas que aqui vivem:

- Muitas vezes, em tempos de enxurradas tenho vontade de levar tudo por diante, os homens com sua ganância de serem os donos da terra, os sacos de agrotóxicos, herbicidas e seus aviões que espalham o terror para as árvores frutíferas e para os pássaros que desaparecem. Tenho vontade de arrebentar porteiros e cercas e dizer que devíamos voltar aos tempos de rondas em campos abertos, de cavalos e homens livres. Gostaria de poder gritar aos rios da Bacia do

Camaquã que resistam à mineração, que os homens de bem não se calem ao lucro, ao minério e a falta de consciência!

A Água nos fazia chorar pelo acidente de Mariana, pelas decisões dos homens de poder, pelo silêncio dos que se diziam bons. Pelas vidas que se foram e hoje são somente números esquecidos.

E a mim era impossível não pensar em uma sala de aula que se fazia distante dos conflitos e dificuldades do mundo atual. Era impossível não pensar em nós mesmos – professores, que não permitimos que estes acontecimentos sejam discutidos de forma concomitante com os conteúdos pedagógicos.

Figura 18 – banner de Seminário em Arambaré, RS. Estágio II



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

E eram os espaços não escolares que me gritavam sobre o tema Mineração. A realização do III estágio de docência nas Ciências da Natureza no Ensino Médio poderia calar-se sobre esta discussão? Era o futuro dos rios, laguna e do povo que se misturavam aos fenômenos químicos, biológicos e físicos que esta mineração poderia e iria causar ao meio ambiente, as relações de trabalho e saúde dos moradores da região da Bacia do Camaquã.

E para discutir esses conteúdos em rede um tema gerador foi criado e este dialogava diretamente com o último trabalho do curso de Educação do Campo:

Qual a melhor água para o mate?
Cultura gaúcha: Território das Ciências

Figura 19 – Caderno de Campo. Estágio III



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

11 VIVÊNCIAS DE UMA ALUNA PROFESSORA

O tempo do curso de Ciências da Natureza – Educação do Campo - revelou-se um tempo de aprender, poetizar e escrever. Paulo Freire^{XI} em seu livro *Pedagogia da autonomia* diz que “ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Durante os quatro anos da vida acadêmica, vivenciando a pedagogia da alternância, os conhecimentos e atividades mesclaram-se e os espaços misturaram-se entre escolar e não escolar. Através das observações realizadas, da prática aplicada nos tempos com a comunidade, verifiquei através de minhas vivências durante o período, que a escola precisa repensar-se em relação a entender-se como o único espaço de aprendizagem. Conto isso aos parceiros de mate e escuto a Terra dizer-me:

- As saídas de campo abriram o portão da escola para que os alunos encontrassem nos espaços do entorno o que diariamente os textos escritos no quadro ou encontrados nos livros ensinam. Simultaneamente a este movimento, em contrapartida, através das atividades propostas os conhecimentos de pessoas da comunidade adentravam a escola, demonstrando que a ciência não se dá somente em laboratório, nem está longe do que se vive, observa ou trabalha. Percebo em ti a disponibilidade interna de um professor de Ciências da Natureza para desenvolver um projeto percebendo-o como um todo dentro do contexto da sua comunidade e inserida na luta da sobrevivência e da valorização do Planeta Terra. Podes nortear um trabalho que faça a diferença, tanto na comunidade escolar como nas atividades individuais dos alunos. Responsabilidade esta que encanta e ao mesmo tempo traz a certeza de que este movimento não pode acontecer sozinho.

São fundamentos para uma docência interdisciplinar, conforme Fazenda^{XII}:

- O movimento dialético - rever o velho para torná-lo novo ou tornar novo velho;
- As memórias - do estudado e do vivenciado;
- As parcerias - possibilidade de consolidação da intersubjetividade

Lembrei-me do Trabalho de Conclusão de Elaine Lembeck que me ajudou a entender a interdisciplinaridade das Ciências na Educação do Campo e minha própria prática. .

Minhas moléculas de ar se embriagam de luz e esperança ao perceber tudo isso acontecendo contigo, disse-me a Água.

E eu sorri.

No artigo de Sergio Luiz Lopes^{XIII}, intitulado *Os desafios do professor do campo na contemporaneidade* fica claro o quanto precisamos “desensinar”, para que todos os indivíduos possam observar como se constroem as relações sociais e a formação do homem do campo. Lembra quando leste isso? - perguntou-me a Interdisciplinaridade

- Pensar a educação numa perspectiva de ensinar a ver, de observar, de olhar o contexto, construindo o conhecimento a partir da realidade vivida e experienciada pelos sujeitos, baseada na ideia de que “Uma vez que a natureza pode ensinar, porque não vamos a ela?”^{XIV} O campo é um espaço de vida, de troca de saberes, unindo o novo e o velho. E a interação entre eles fica mais importante ainda, pois sabemos que suas ações e intervenções se dão na natureza. A escola precisa entender que o trabalho de homens e mulheres rurais também deveria ser observado, havendo uma valorização de suas atividades e de como estes se relacionam com o meio em que vivem, com os seres e a preservação da natureza. Ecosofia² vivida de forma simples, no campo e hoje longe da escola.

Era minha também a responsabilidade de não formar indivíduos submissos e perceber que a escola do campo precisa estar viva e atenta. Sendo assim, o papel do educador é sociabilizar e trabalhar este currículo, que é o mesmo das escolas urbanas, de forma a valorizar a vida, os territórios e suas lidas, mantendo-se em construção diária e fortalecendo a dignidade humana, os saberes e a natureza. Pensar a prática, segundo Paulo Freire, talvez seja o único jeito de pensar certo e então, desta forma, o conhecimento acadêmico possa encantar as pessoas e não humilhar as que não o tem.

Eis aí a importância da dúvida, por isso essa madrugada cheia de reminiscências, a busca da construção do conhecimento, da pesquisa e vontade de desenvolver um trabalho contextualizado e de intervenção ao seu meio. Se assim

²Conceito que aproxima atitudes ecológicas com o pensamento abstrato humano.

não for, só haverá uma repetição da forma de ensino que aí está sem levar em consideração o território em que se insere – comunidades rurais e urbanas, mediocrizando a educação na sua essência por tratar a todos igualmente quando já sabemos que as diferenças por muitas vezes inferiorizam e que a igualdade sob este aspecto, nos descaracteriza como relata Boaventura de Souza Santos. São as certezas que já se fazem presentes na roda do mate.

Figura 20 – amanhecerem Arambaré / RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

A noite já vinha parindo o dia e era preciso recolher o trem do mate e sair pra uma nova oportunidade de vida. Nesta hora parece que o mate fica melhor e o cevador que vive em mim, de forma calma e serena vira o mate, muda o morro de lugar, e este passa a um amargo forte, como sacudindo os últimos pensamentos dentro de mim. A peonada já faz barulho ao acordar e lá fora o galo canta anunciando o último mate da madrugada.

Figura 21 – capas do Caderno de Campo. Estágio II



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017

- Educar é, entre outras premissas, olhar para frente! Faz-se primordial reconhecer que o aluno é o centro, é base de toda ação pedagógica e que a transformação pessoal do professor, se faz necessária e que só tem significado se este busca oportunizar a seus alunos que estes sejam leitores de seu tempo, que cultivem bons relacionamentos e que convivam em paz com a natureza, baseando-se para tanto mas não somente, no conhecimento científico, nos conceitos e currículos escolares, disse o Tempo, levantando-se e anunciando sua partida. A semente havia voltado os olhos ao sol e a Terra germinava pensamentos. Todos seguiriam seus destinos em silêncio. Num silêncio que era meu a Interdisciplinaridade disse:

- De que adiantaria todo esse conhecimento, se toda a escola não se tornar um espaço para o desenvolvimento crítico como ferramenta de construção da realidade, identificando os contextos sociais, culturais, históricos e ambientais em que estes alunos vivem? A escola, que acolhe o aluno, não pode ter a preocupação de somente planejar a aquisição de conceitos e informações e sim proporcionar uma intervenção dialógica que leve o aluno a descobrir-se, tomar consciência do que está a sua volta, aprendendo a realidade com a consciência crítica, a qual não existe fora da prática, da ação e da reflexão. Toda ação educativa deve perseguir um objetivo, um sonho e não poderá existir neutralidade ou indiferença por parte do educador. Embora a educação não possa abrir mão da formação técnica e científica de seus

educadores, entende-se que esta precisa abrigar sonhos e uma ampla leitura da realidade. “Interdisciplinaridade nos parece hoje mais processo do que produto^{xv} Educar em teias, redes e temas. O professor deve sentir-se sujeito da história, acreditar na educação e enxergar-se como contribuinte para a transformação do um mundo e uma vida melhor.

Lembrei-me do que escreveu Fazenda^{xvi} “a atitude interdisciplinar não está na junção de conteúdos, nem na junção de métodos; muito menos na junção de disciplinas, nem na criação de novos conteúdos produtos dessas funções; a atitude interdisciplinar está nas pessoas que pensam o projeto educativo”.

12 O ÚLTIMO RONCO DA CUIA DE MATE

E foi assim, numa roda de mate, numa madrugada de reminiscências que estas dimensões água, terra e semente se aconchegaram pra prosear comigo. E quando eu pensava estar dando vozes a esses elementos sinto um rebuliço pelo galpão, aquele galpão que vive em mim, e as portas se bateram, janelas se abriram e as labaredas do fogo dançaram como se escutassem uma milonga daquelas bem floreadas. Seguro firme a cuia de mate e vou retirar a chaleira do tripé para que não caia. Nesta hora escuto do fogo sua única fala que o vento fez chegar até mim:

Não deixe nunca apagar dentro de ti este fogo de ser e viver em uma comunidade de campo. Descubra-te como professora quantas vezes forem necessárias, isso não terá preço e sim valor, como já te disse certo professor que ao te desconstruir te fez reencontrar conosco hoje. (Dresch, 2017).

Não permitas que ninguém te coloque dúvidas do que é de fato importante para o aprendizado dos teus alunos. Sejas como um potro que não tem dono, de alma livre e galope rápido. Carregue no teu sangue a história destes homens e mulheres rurais, de vida sofrida, mas que possuem um vínculo intenso com a natureza. Não esqueças os campos, as colheitas e a beleza do ser campesino. Já arreventaste o cabresto de conceitos ultrapassados. Quando essa roda se formou trançavas um tento de couro cru: nele está tua essência, teu conhecimento e tua intervenção. É uma trança forte! Com ela construa, junto com essas novas gerações outro campo pra se viver. Difícil? Tente!

O vento dançava pelo galpão como se nada a ele importasse. Neste momento, olhamo-nos todos - terra, semente, água e fogo e nos perdemos neste olhar para nos encontrarmos unidos no ar que eu respirava.

O campo é a alma da gente, não morre nem se termina.

E num suspiro emocionado encontro dentro de mim todas essas falas, mistérios e indagações. O dia amanhecia e eu me encontrava impregnada das Ciências da Natureza na Educação do Campo.

A noite pariu o dia fazendo rebrotar em mim a esperança de um novo jeito de educar e também de aprender.

E o mate, que se faz amargo, nesta hora me adoçava a vida...

Figura 22 – lareira da Fazenda Santa Rita / RS



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016

REFERÊNCIAS

- ALDEIA MONTESSORI. **Educação Cósmica, um diferencial do Sistema Montessori**. Disponível em: < <http://aldeiamontessori.com.br/index.php/educacao-cosmica-diferencial-sistema-montessori/>> Acesso em: 06 Jun. 2017.
- ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica no do campo, 1999.
- ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL (ABES - RS). **Semana da água: 20 anos dedicados à proteção das águas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2014.
- BARBIER, René. **Pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: LiBer Livro Editora, 2007.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- COSTA, Flávia Marcela Da. **Comparando a teoria de Piaget e Vygotsky**. 2013. Disponível em: < <https://pedagogiaaopedaletra.com/comparando-teoria-piaget-vygotsky/>>. Acesso em: 06 Jun.2017
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- DRESCH, N.L. **Assunto**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <carmendeantoni@gmail.com> em 22 jun.2017.
- ERIKSON, E.H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- FAZENDA, Ivani. **A Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1993.
- FAZENDA, Ivani C.A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- FERRARI, Márcio. **Jean Piaget: o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio**. Nova Escola, São Paulo, jul. 2008. Edição Especial Grandes Pensadores. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/jean-piaget-428139.shtml>>. Acesso em: 06 Jun. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 17. Ed. Rio de Janeiro: EGA, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1990.

LA TAILLE, Yves. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEITE, João Chagas. **Seiva de Vida e Paz**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZkvC_iElyQk Acesso em: 10 jan. 2018.

LEMBECK, Elaine. **Interdisciplinaridade na prática docente: articulando saberes na experiência da educação do campo**. 2017. Trabalho de Conclusão de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia: Licenciatura. Porto Alegre. 2017. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174360>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LOPES, Sérgio Luiz. **Práticas Educativas na Educação do Campo: desafios e perspectivas na contemporaneidade**. 1. Ed. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2015.

LOPES, Sônia. **Investigar e conhecer - Ciências da Natureza 6º, 7º, 8º, 9º ano 1. ed.** São Paulo: Saraiva, 2015.

MARTINS, Fernando José. **Ocupação da Escola: uma categoria em construção**. UFRGS, 2009. 273 f. Porto Alegre: Tese - (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estud. av. vol.2 no. 2 São Paulo May/Aug. 1988. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHNEIDER, S. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas**. In: FÓRUM INTERNACIONAL TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO RURAL E DEMOCRACIA, 1, 2003, Fortaleza.

SOMMERMAN, Américo. **Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade**. Salvador: 1999. Disponível em: <http://www.cetrans.com.br/novo/textos/pdf>. Acesso em: 20/06/2017

SPOSITO, E.S.; SAQUET, M.A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17. Edição. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2009.

UOL EDUCAÇÃO. **Psicanálise**: a mente segundo a teoria de Sigmund Freud. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/psicanalise-a-mente-segundo-a-teoria-de-sigmund-freud.htm> > Acesso em: 06 Jun. 2017.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes ,1993

NOTAS FINAIS

^I (SPOSITO, 2009, p. 11)

^{II} (HAESBAERT apud SPOSITO, 2004, p. 18)

^{III} (2000)

^{IV} (DEMO, 2000)

^V (1989, p. 27)

^{VI} (ERIKSON, 1976, p. 129)

^{VII} (1996, p. 23)

^{VIII} (1967)

^{IX} (2009)

^X (1999, p. 1)

^{XI} (1996)

^{XII} (1994)

^{XIII} (2013)

^{XIV} (SENA apud LOPES, 2015, p. 40)

^{XV} (FAZENDA, 1994, p. 25)

^{XVI} (1993, p. 64)